

Escola de bárbaros

Em artigo recentemente publicado na seção *Idéias em Debate*, em 7º docorrente, o ilustrado e arguto monge beneditino d. Lourenço de Almeida Prado, reitor do Colégio São Bento, do Rio de Janeiro, a partir do exame que Françoise Thom e Isabelle Stal fazem do ensino francês, particularmente o primário e o secundário, no livro *A escola dos bárbaros* (tradução brasileira, T.A. Queiroz-Edusp, 1987), tece oportuníssimas considerações sobre a nossa própria escola, na qual se podem reconhecer, multiplicados pelo mimetismo característico do subdesenvolvimento intelectual, todos os vícios contundentemente mostrados naquele livro. Isso, naturalmente, sem contar o fato de que a escola francesa, por bárbara que seja, ao menos se estende no nível elementar à totalidade da população em idade escolar, enquanto a nossa atinge uma porcentagem substancialmente menor da população da mesma idade, havendo milhares de crianças que nem sequer chegam a conhecê-la. E estejamos conscientes de que esse problema pode agravar-se, se, como esta folha já teve a oportunidade de comentar, a política do trêfego governador de Minas Gerais, reduzindo as verbas destinadas pelo seu Estado ao ensino, encontrar seguidores entusiastas em outras unidades da Federação, o que, convenhamos, está longe de ser algo remoto.

Deixemos de parte, contudo, o "estadista de Contagem" e seus eventuais assemelhados para ressaltar algumas contundentes e exatas reflexões de d. Lourenço, sempre oportunas e proveitosas.

Escreve ele, como que a resumir o que se passa na escola francesa e igualmente na nossa:

"O título *A escola dos bárbaros* conduz a nossa reflexão para o que os antigos chamariam de indisciplina e que podemos chamar de selvageria, ou seja, a incapacidade (ou a recusa) de cada um permanecer em seu lugar e respeitar o lugar do outro. O convívio sem lei, sem senso de reciprocidade: o aluno não ocupa o lugar do aluno, nem o professor, o seu. A sala de aula é o lugar de explorar vivências, pesquisa e atividades em que o professor é um, igual aos outros, com uns anos mais (maior experiência, sem necessariamente maior sabedoria), empenhado em ser um homem 'para a frente', camarada, cuja função, se tiver uma, é a de animador de debates. As doenças apontadas por Isabelle Stal e Françoise Thom são semelhantes às nossas. Em vez de estudar a língua vernácula, a literatura ou a história literária, abre-se nessas classes estudos de temas (Paulo Freire diria 'palavras geradoras'), como racismo, condição feminina, jovens, guerra, problema agrário etc. e o estudo da língua é substituído pela difusão da ideologia". E mais adiante, pondo o dedo numa das feridas mais purulentas do nosso ensino de 1º e 2º grau, um dos seus pontos mais visíveis de inépcia e descrédito, d. Lourenço assinala: "Entre nós tivemos uma experiência lastimável, com a adoção da chamada 'Comunicação e Expressão' em nossos currículos. O nome genérico permitia deixar o Português de lado e tratar de tudo, menos de aprender a falar, ler e escrever. Certa vez, um professor de 1º série do 2º grau trouxe ao seu diretor o seu plano de curso. Havia tudo no plano — cinema, música popular, literatura de cordel, artes plásticas, história em quadrinhos, arqui-

tetura barroca —, só não existia Português. O professor ficou meio desapontado com a reação do diretor: 'Meu caro professor, você é professor de comunicação e expressão em língua portuguesa. Cuide disso e deixe o resto para outro'.

"A distorção dos temas ocorre, como se sabe, em outras disciplinas, sobretudo nas chamadas ciências sociais, onde um marxismo, mal digerido pelos professores, é repetido como a última palavra. A repulsa ao conhecimento do fato geográfico ou histórico — isso era a *decoreba* de antigamente — leva os docentes a inculcarem nos pobres alunos a repetição e memorização de *relações* no espaço vazio, pois não tomaram conhecimento do ponto de partida nem do ponto de chegada." A observação faz-nos lembrar do relato de um professor da antiga Faculdade de Filosofia a respeito de um aluno que desejava que lhe fosse ensinada a História "sem fatos e sem datas". Aliás, um pobre e primário entendimento da Sociologia leva, com freqüência, à realização do "ideal" do mencionado aluno: desprezando os fatos e sua seqüência temporal, muitos professores ditos de "História", "sociologizam" a disciplina, o que significa, na realidade, não o legítimo recurso à Sociologia, quando se tem o domínio efetivo "das datas e dos fatos", mas o puro esvaziamento da realidade histórica, em proveito de fórmulas pseudo-sociológicas que não passam, em última instância, de clichês ideológicos com que pretendem povoar a mente intelectualmente reprimida dos seus inocentes e infelizes estudantes, escravizando-a.

Essa escola "barbarizada", de resto, tem a tendência de cuidar dos meios como se fos-

sem fins, desvirtuando completamente o objetivo da escola, como instituição cuja existência depende, lembrando citação de Jean-Claude Milner, de conhecimentos; de conhecimentos que sejam transmissíveis e de especialistas encarregados de transmiti-los. Essa instituição coloca frente a frente, de forma regular, os especialistas que transmitem o conhecimento e os estudantes que devem receber o que lhes é ensinado. Desprezando essa função elementar e definidora da escola, "a metodomania ou o método como fim" considera que "classe bem-sucedida é a que transcorre muito agitada (eles dizem participada), embora dela nada tenha ficado do aprendido". Nada há de mais contrário a um verdadeiro ensino e a um eficiente aprendizado do que a "pedagogice", o que torna compreensível uma jocosa definição lembrada em outro artigo de d. Lourenço, tomada ao já citado Jean-Claude Milner, segundo a qual a pedagogia seria "uma palavra inventada pelos ignorantes para atemorizar aqueles que sabem".

Ora fazendo dos meios um fim, ora, pelos "processos de esvaziamento da atividade escolar", buscando "a igualdade na ignorância", a escola dos bárbaros, seja a francesa, que Françoise Thom e Isabelle Stal descrevem, seja a brasileira, da qual d. Lourenço aponta os vícios mais gritantes no seu excelente artigo, é um obstáculo para a formação de mentalidades abertas e reflexivas, das quais nós, muito mais do que a França, que tem tradições intelectuais e recursos maiores para opor-se à barbárie, necessitamos com urgência e em quantidade suficiente para situar-nos à altura de nosso tempo.